

Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 24/08/2015 a 28/08/2015



TÍTULO DO TRABALHO			
IDEOLOGIA BURGUESA: Sua hegemonia e a mistificação negadora da luta de classe			
AUTOR	INSTITUIÇÃO	Sigla	Vínculo
Danne Vieira Silva	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	Mestrando
RESUMO			
<p>Partindo do legado deixado por Marx e Engels em A Ideologia Alemã, isto é, que as ideias da classe detentora das forças materiais são as ideias dominantes. Não é menos verdade que sob a égide do capital, a burguesia consolida sua hegemonia ao ocupar a esfera de poder, o Estado. Assim, ao dominar de forma hegemônica todas as estruturas do poder, esta classe passa a imprimir para o conjunto da sociedade sua idiosincrasia sobre o Mundo. Noutras palavras, de forma totalitária via seu ideário mistificador, alienante, fetichizado e reificado, ideologia burguesa potencializa a negação da luta de classes. Nesse sentido, o presente estudo pretende sinalizar alguns elementos para fomentar o debate em tela. Pois, mais do que nunca, a burguesia para manter sua ideologia, dominante e hegemônica, utiliza todos os dispositivos e aparatos, para mistificar e manipular a realidade, tornando-a assim, funcional e adequada para o modo de produção capitalista. Além disso, a burguesia também lança expedientes para castrar e esterilizar a potência negadora que vem da classe trabalhadora; cooptando-a, bem como, induzindo-a de forma ilusória para um padrão de sociabilidade e de pertencimento ao ideário do mundo burguês. Em suma, dissolver e negar o caráter do antagonismo de classes, e aniquilar, custe o que custar, toda e qualquer possibilidade de efetiva emancipação da classe trabalhadora enquanto classe para si.</p>			
PALAVRAS-CHAVE			
Alienação. Ideologia. Luta de Classes			
ABSTRACT			
<p>Based on the legacy of Marx and Engels in A Ideologia Alemã, that the ideas of the class owner of the material forces are the dominant ideas. The fact remains that under the aegis of capital, the bourgeoisie consolidates its hegemony to occupy the sphere of power, the state. Thus, the master of all form hegemonic power structures, this class starts to print to the whole of society its idiosyncrasy on the World. In other words, the totalitarian form via its ideology mystifying, alienating, fetishized and reified, bourgeois ideology enhances the denial of class struggle. In this sense, this study aims to signal some elements to foster debate on screen. For more than ever, the bourgeoisie to keep its ideology, dominant and hegemonic, uses all devices and apparatuses, to mystify and manipulate reality, thus making it functional and suitable for the capitalist mode of production. Moreover, the bourgeoisie also throws expedient to castrate and sterilize the negating power coming from the working class; co-opting it as well, inducing the illusory form to a pattern of sociability and belonging to the ideals of the bourgeois world. In short, dissolve and deny the nature of class antagonism, and annihilate, at all costs, any possibility of effective emancipation of the working class as a class for itself.</p>			
KEYWORDS			
Alienation. Ideology. Class struggle			
EIXO TEMÁTICO			
Poder, Estado e Luta de Classes.			

IDEOLOGIA BURGUESA: Sua hegemonia e a mistificação negadora da luta de classe

“E me inventei neste gosto, de especular ideia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas a cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando, o senhor consome essa água, ou desfaz o barraco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Guimarães Rosa - Grande Sertão: Veredas

1. Introdução

Nas busca das resoluções dos problemas postos objetivamente pela realidade, Riobaldo, em sua epopeia pelos Grandes Sertões: Veredas, o fazia dialeticamente através de sua interação com o sertão. Em termos Lukácsianos, Riobaldo, é um ser que ao interagir com as demandas postas por sua realidade sertaneja oferece respostas à luz daquela totalidade. Pois, para Lukács (2003, p. 76), somente no contexto em que “integra os diferentes fatos da vida social numa totalidade, é que o conhecimento dos fatos se torna possível enquanto conhecimento da realidade”. Por sua inquietação da existência ou não do diabo, o anti-herói apenas conclui enfaticamente: “*Viver é negócio perigoso*”.

O cotidiano preenche todos os aspectos da individualidade humana, pois o homem já nasce inserido em sua cotidianidade, seu amadurecimento implica que o indivíduo adquiriu todas as habilidades para a vida cotidiana da sociedade (HELLER, *apud* NETTO; CARVALHO, 2000, p. 25). Os homens, nas variadas habilidades de vida cotidiana atuam individualmente e, de forma inconsciente, alcançam repercussão coletiva na história por partirem dos desafios concretos postos pela situação material em cada época distinta. Nesse sentido, as habilidades necessárias para a vida em sociedade, mudam em função dos valores de cada época específica, que pode ser muito bem exemplificada pela sociabilidade estamentizada que foi consoante à servidão feudal.

O ser humano, ao mesmo tempo em que é singular também é genérico, pois, somente na vida cotidiana que o ser genérico encontra-se na totalidade, e é na vida cotidiana que o homem apreende das relações sociais as maneiras de interação com a natureza na reprodução sua própria existência. Nesse sentido, na perspectiva de Lukács a vida cotidiana é insuprimível, não havendo sociedade sem a vida cotidiana. O conceito aristotélico do *Zoon Politikon*, retomado por Marx, afirma que o homem é por natureza um animal político, em outras palavras; em sua forma genérica

é um ente que convive com outros seres humanos em sociedade, na qual “não pode se isolar senão dentro da sociedade” (MARX, 2008, p. 239).

No entanto, para viver em sociedade o homem precisa, antes de tudo, reproduzir sua materialidade, assim, Lukács (2010, p. 42) nos diz que é o trabalho a base fundadora de toda sociabilização humana, pois, o ser humano, na esfera de suas necessidades “do estômago” regulam todas as decisões teleológicas em conformidade com as suas necessidades sociais.

Nas sociedades onde impera a luta de classes seria impossível o funcionamento da sociabilidade sem certos regulamentos jurídicos, religiosos, filosóficos dentre outros que a mantivessem certa “ordem”

[...] cada uma dessas regulamentações pressupõe que a maneira prática do agir comum dos membros da sociedade siga “voluntariamente”, pelo menos externamente, essas prescrições, só diante de uma minoria relativamente pequena a coerção do direito deve e pode tornar-se de fato eficaz. (LUKÁCS, 2010, p. 43)

Mas a quem essas regulamentações que visam manter uma “ordem” favorecem? “Ordem” de quem e para quem? Lembra-nos Lukács (*Idem*) que “A execução constante e correta do trabalho produz conflitos continuados, até diários, hora a hora, e o modo de sua decisão muitas vezes pode conter, direta ou indiretamente, questões vitais para a respectiva sociedade”. Por isso, para o húngaro, a ideologia, em última análise, ordena as decisões isoladas em um único contexto da vida geral dos seres humanos e inculca individualmente como é indispensável para sua própria existência que seja mantida os interesses coletivos. Ainda, são nas formas e representações ideológicas que os questionamentos e as problemáticas que circunda a vida cotidiana são conscientizados e enfrentados sob a perspectiva daquela especificidade histórica.

A ideologia torna-se um conceito complexo no âmbito da ciência social. Michel Löwy (2002, p. 11) nos lembra que é uma temática de larga acumulação teórica e ao mesmo tempo cheia de “contradições, paradoxos, arbitrariedades, ambiguidades, equívocos e mal entendidos”. No entanto, dentro da teoria marxista, pode-se reconhecer na temática, a existência de duas tendências distintas: “[...] uma concebendo a ideologia enquanto superestrutura ideal e a outra tomando o fenômeno enquanto sinônimo de falsa consciência.” (VAISMAN, 1989, p.401)

2. A Ideologia

A vida cotidiana é essencialmente histórica, uma vez que “o cotidiano não se descola do histórico” é um de seus níveis constitutivos, (NETTO; CARVALHO, 2000, p. 66), ao analisar a história, percebe-se que as relações sociais modificam, nesse sentido, a concepção de cotidiano

modifica-se igualmente. “Mas a direção destas modificações depende estritamente da consciência que os homens portam de sua *essência* e dos valores presentes ou não ao seu desenvolvimento” (*Ibidem.*, p. 29). Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels (2007, p. 93) nos dizem que a produção das ideias, das representações e da consciência está imediatamente ligada com a atividade material e com o intercambio material além da linguagem da vida real. Dessa forma, o representar, o pensar, o intercambio espiritual dos homens é diretamente associada ao comportamento material assumida naquele estágio específico de desenvolvimento da sociedade. Ainda, ao redigir o prefácio de *Para a Crítica da Economia Política*, ainda em janeiro de 1859, Marx já deixa claro que na produção social de sua vida, “os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade” tais relações de produção correspondem a uma etapa específica do desenvolvimento das forças produtivas materiais. Para Marx (1982, p. 24),

A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais e determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.

Continua,

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas de Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades [...] Cheguei também à conclusão de que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política. (*Ibidem.*, p. 47)

Dessa forma, a dialética marxista ao partir da análise da reprodução ideal do seu movimento real, nos mostra que a produção social da existência humana, os homens entram em relações determinadas independentes de sua vontade, uma vez que “os homens não são livres para escolher suas forças produtivas” (MARX, p. 207), de toda história relações essas que correspondem a determinado grau de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais, dessas relações materiais é o fundamento de sua base social. (*Idem.*)

Na medida em que se desenvolvem as forças produtivas materiais, formas de pensamento e representações são elaboradas pela consciência humana – religiosa, morais, filosóficas, científicas e políticas – passam a ser consoantes às novas forças produtivas refletindo nas relações de produção e

do trabalho¹. Como em cada tempo as ideias dominantes são as ideias da classe dominante (MARX; ENGELS, 2001, p. 47) tais ideias representam a expressão ideal das relações materiais dominantes, apreendidas como ideias que legitimam a dominância de uma classe sobre outra.

Desde que se estabeleceu historicamente a divisão social do trabalho, desde que apareceram as classes sociais, umas possuindo os meios materiais que lhe permitiam controlar o processo produtivo e apropriar do excedente e outras simplesmente trabalhando de forma subordinada às exigências do sistema produtivo, nos lembra Konder (1009, p. 120) que tais condições foram fundamentais para o surgimento de “indivíduos tecnicamente capacitados” para a elaboração teórica das classes dominantes.

Nos distintos modos de produção, formas dominantes de pensamento mantiveram harmonia a sociedade consoantes às forças produtivas em cada momento histórico, no entanto, pela concepção na qual o homem aparece como o objetivo da produção é potencializada no mundo capitalista, é sob o capitalismo que a humanidade desenvolveu seu domínio da realidade natural pela eficiência produtiva, embora nesse modo de produção o desenvolvimento das potencialidades criadoras humanas é sacrificada pela alienação, ou seja, o homem não se identifica em sua atividade.

As instituições capitalistas dão ao fenômeno da alienação dimensões que ele não tivera antes: dão lhe uma feição drástica. A industrialização capitalista leva a *alienação* inerente ao sistema da propriedade privada a toda parte, aos mais diversos níveis da atividade social humana. (KONDER, 2009, p. 130)

Ao expor o modo de produção capitalista partindo da célula econômica da sociedade burguesa põe a nu além da captação do trabalho enquanto categoria ontológica constitutiva do ser social, Marx (2013) questiona o “caráter fantasmagórico” que envolve os produtos do trabalho humano que o impede em se reconhecer nos produtos e formas sociais, ainda, “a produção mercantil dominante, no mesmo processo em que revela o caráter social do trabalho, reveste como um envoltório a-social o seu produto” (NETTO, 1981, p.40).

A essência da estrutura da mercadoria [...] se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e

¹A realidade, e portanto o cotidiano, adapta-se em consonância com as novas forças produtivas, nesse sentido nos diz Hobsbawm (2002, p. 08) “La *tradición inventada* implica un grupo de prácticas, normalmente gobernadas por reglas aceptadas abierta o tácitamente y de naturaleza simbólica o ritual, que buscan inculcar determinados valores o normas de comportamiento por medio de su repetición, lo cual implica automáticamente continuidad con el pasado. [...] El pasado histórico en que se inserta la nueva tradición no tiene por qué se largó y alcanzar lo que supone que son las brumas del pasado.

inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens. (LUKÁCS, 2003, p. 194)

A essência da mercadoria se baseia no fato de que a relação entre pessoas assume o caráter de coisas, de uma “objetividade fantasmagórica” ou místico, em que todo traço da relação entre os homens é inteiramente fechada e ocultada. Nesse sentido, a classe constituída dominante no modo de produção capitalista expõe, pela dominância de suas ideias, sua totalidade alienada. Na qual “a mercadoria mistifica as relações sociais em todas as instâncias e níveis sociais, envolvendo-os na especificidade da reificação” (NETTO, 1981, p. 86)

Mas afinal, o que é o trabalho? Senão própria atividade vital do trabalhador, manifestação de sua objetividade? No capitalismo, o trabalhador a vende ao capitalista como forma de sobrevivência, no entanto, o que deveria ser sua libertação e objetivação enquanto ser social, na sociedade burguesa o trabalho o aliena, aprisiona e extrai toda sua subjetividade enquanto indivíduo. Ao trabalhador, nos diz Marx (*apud*, MESZÁROS, 2006, p.113) só começa a viver quando cessa sua atividade laboral, sua vida começa na mesa, no bar na cama. Seu trabalho é percebido como “ganho que o leva à mesa, ao bar, à cama.” (*Idem*). Nesse sentido, para o funcionamento da sociedade burguesa o caráter misterioso da mercadoria preenche todos os aspectos dessa sociedade.

Em síntese, é com o auxílio da ideologia que os homens trazem à consciência os seus conflitos existenciais “e por seu meio combatem conflitos cuja base última é preciso procurar no desenvolvimento econômico” (LUKÁCS *apud* VAISMAN, 1988, p. 417) nesse sentido, a ideologia, pode ser usado tanto como instrumento de conscientização e de luta social, ou como aparato de manutenção de hegemonia classista quando sob a perspectiva de “falsa consciência” castrando qualquer possibilidade da luta de classes das classes dominadas ao propalar sua ideologia como leis eternas e imutáveis.

3 A Ideologia burguesa:

A crise do Antigo Regime modificou a sociedade em sua totalidade, o questionamento da rigidez estamental do feudalismo promoveram profundas transformações na Europa Ocidental que de forma rápida, se espalharam pelo planeta pelo comércio que se tornava cada vez mundial. A

Revolução Mundial descrita por Eric Hobsbawm² se espalhou além da Europa Ocidental alcançando pontos distantes do planeta. Ao questionar as formas do Antigo Regime, o estado Absolutista, surgiu como mediador no conflito de interesses entre a antiga aristocracia feudal e os capitalistas que cada vez exigiam maior poder político³.

O discurso da burguesia revolucionária, que para Lukács iniciou no primeiro terço do século XIX findo em 1848 tratou-se da expressão mais elevada da concepção da rebelião burguesa ante o declínio da sociedade estamental. A filosofia dessa época, nos diz Lukács (2000, p. 11) codificou os princípios e a concepção geral do mundo próprios desse movimento progressivo e libertador que transformou tão profundamente a sociedade,

Asistimos en ese momento a la transformación revolucionaria de la lógica, de las ciencias naturales y de las ciencias sociales. La intervención de la filosofía en los grandes problemas concretos de las ciencias naturales y sociales reveló fértil, y desde allí se eleva entonces la filosofía hacia la región de la más altas abstracciones. De este modo se manifiesta su carácter de universalidad y su papel de levadura de las ciencias, que le permite descubrir tantas nuevas perspectivas.

O pensamento revolucionário burguês era rigorosamente racionalista e secular na capacidade dos homens compreenderem e solucionarem os problemas pela razão, condenando as antigas formas irracionais do pensamento que se relacionava às trevas do período antecessor⁴. Filosoficamente, inclinava-se ao materialismo ou ao empiricismo, conduzindo uma nova ideologia de que tudo poderia ser explicado ou comprovado cientificamente. Ao pensamento progressista burguês, o desenvolvimento e o progresso capitalista seria tão natural se fossem removidos os obstáculos artificiais que no passado lhe haviam colocado.

Para Lukács (2000, p. 28), a filosofia burguesa clássica favoreceu uma ideologia universal sob a égide progressista num momento em que a filosofia ocupava a centralidade nas ciências do conhecimento por ser produto orgânico do progresso social. Dessa forma, a “liberdade, igualdade e fraternidade” propalada pela burguesia revolucionária, foi a ideologia que uniram num só ideal os burgueses e aqueles que lhes vendiam sua força de trabalho que a cada vez se autonomizavam

² A Revolução Mundial descrita Eric Hobsbawm (2007) trata-se da especificidade das Revoluções Inglesa, de cariz industrial e a Revolução Francesa, de forte tendência sócio-político até o período que se estendeu até a *Primavera dos Povos* em 1848, marco final do período tipicamente revolucionário da classe burguesa.

³ A natureza histórica do Estado Absolutista é controverso, Engels havia dito que o Estado Absolutista tratava-se do equilíbrio no conflito entre a velha nobreza feudal e a nova burguesia urbana. Marx por seu lado, afirmou que as estruturas do Estado Absolutista eram instrumentos tipicamente burgueses. No entanto, Perry Anderson, fornece novos elementos que colocam o como “*um aparelho de dominação feudal alargado e reforçado*” (ANDERSON, 1994, p. 16)

⁴ Nos dizem Marx e Engels (1998 p. 42) que a burguesia desempenhou na história papel iminentemente revolucionário ao destruir as relações feudais, patriarcais e idílicas da sociedade estamental, acabando com a dominância da igreja católica bem como as bases que sustentavam o *Ancien Regime*.

enquanto classe⁵, que nesse período, era “capaz de resolver em sentido progressista as novas contradições geradas pelo próprio capitalismo triunfante.” (COUTINHO, 2010 p. 22)

Enquanto a possibilidade libertadora, igualitária e fraterna do capitalismo parecia uma solução aos estamentos rígidos feudais, na verdade tratou-se de nova forma societária onde uma camada social beneficiava da exploração de outra parcela.⁶ Enquanto a ciência avançava a passos largos, as desigualdades econômicas elevava-se proporcionalmente. A classe trabalhadora, cada vez mais ganhava força política e consciência de classe, embora Hobsbawm, (2007, p. 215) salienta a importância da Revolução Francesa e sua filosofia positivista na formação política da classe trabalhadora cujas sublevações para o historiador britânico não se trataram de meras agitações de alguns descontentes, os levantes que se tornavam cada vez maiores em início do século XIX:

No começo, empenhavam-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários de um mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente. Dirigem os seus ataques não só contra as relações burguesas de produção, mas também contra os instrumentos de produção; destroem as mercadorias estrangeiras que lhes fazem concorrência, quebram as máquinas, queimam as fábricas e esforçam-se para reconquistar a posição perdida do trabalhador da Idade Média. (MARX; ENGELS, 1998, p. 47)

O *Espectro do Comunismo* passou a rondar a Europa no momento em que os trabalhadores ao aliaram a consciência prática à consciência teórica, onde puderam perceber as contradições do ordenamento burguês passaram a exigir maior participação política. Nesse sentido, o que se observou foi a completa conversão do pensamento progressista burguês que não mais assumiu os valores da totalidade, mas unicamente em defender “seus mesquinhos interesses particulares” (NETTO, 1978 p. 17) encerrando o ciclo progressista passando a assumir o caráter reacionário, especialmente no enfrentamento com a classe trabalhadora.

A partir de 1825-1830, com a reiteração periódica das crises econômicas e com os passos organizativos iniciais do proletariado e a decorrente agudização das lutas de classes, os quadros societários que suportavam o progressismo daquelas vertentes entram em rápida erosão. O giro experimentado pela burguesia, que vai se

⁵ Sobre a classe trabalhadora nos dizem Marx e Engels (1998, p. 47) “A classe trabalhadora passa por diferentes fases de desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com sua existência.”

⁶ A exploração não é um traço distintivo do capitalismo, José Paulo Netto (2010) formas sociais assentadas na exploração precederam a ordem burguesa, no entanto, o que é distintivo da exploração no regime capitalista de produção é a de que se “efetiva no marco de contradições e antagonismos que a tornam suprimível sem a supressão das possibilidades mediante as quais se cria exponencialmente a riqueza social. Ou seja: *a supressão da exploração do trabalho pelo capital, constituída a ordem burguesa e altamente desenvolvidas as forças produtivas, não implica redução da produção de riquezas*” (Itálico original)

convertendo, desde então, em sujeito histórico conservador, retira gradualmente os suportes daquele otimismo e, principalmente, daquela criticidade – com a ameaça proletária, vetores críticos se tornaram armas anti-burguesas. A tempestade revolucionária de 1848 selou a sorte do ciclo progressista da burguesia e das possibilidades dos pensadores que expressavam a sua visão de mundo. (NETTO, 1998, p. 27)

De fato, as Revoluções de 1830 que se estenderam até 1848, a burguesia perde o lugar que ocupava na vanguarda do progresso social dando início a seu desmantelamento social (LUKÁCS, 2000, p.13), a fase clássica da filosofia burguesa termina com a revolução de 1848, data que representa o fim do embate com o *Anciën Regime* e início da ofensiva contra o proletariado ascendente. A tríade ilustrada da igualdade, liberdade e fraternidade que convocou o mundo para a sociedade nascente sociedade burguesa foi reconfigurada à nova fase burguesa. Liberdade passou a ser restringida pela *liberdade de concorrer no mercado*, igualdade passou a ser limitada pela *formalidade jurídica* e a fraternidade agora era resolvida pela “retórica e pelo moralismo” (NETTO, 1998 p. 20). Dessa forma, o ideário burguês centrou na conservação da ordem. “A burguesia enquanto classe, perde o interesse e a capacidade de fazer avançar a sociedade para além dos limites da lógica de acumulação e valorização do capital” (*Idem*). É a decadência ideológica burguesa.

Recorrendo aos Manuscritos Econômicos Filosóficos, Ludovico Silva (1983, p. 63) salienta que Marx indicou três formas distintas assumidas pela alienação ideológica assumida pelo pensamento burguês que são funcionais à sua ideologia: a primeira, para o venezuelano, está no esvaziamento da Economia Política ao despojá-la do espírito científico transformando-a ou separando-a em distintas ciências especializadas. A segunda forma está na ideologia religiosa entendida como inversão de valores humanos. A terceira está na alienação das necessidades como consequência direta da alienação produtiva, entendida como produção para as necessidades do mercado e não para as necessidades humanas.

A fase da decadência ideológica⁷ as ciências se especializam, a filosofia assume o papel de *guarda fronteiriço* das outras ciências. “[...] *el papel de la filosofía debe limitar-se a cuidar que nadie pueda franquear los límites definidos por las ciencias y que nadie extraiga de las ciencias económicas y sociales conclusiones que podrían desacreditar al régimen*” (Lukács, 2000 p. 14. Grifo Nosso). Entrementes, Carlos Nelson Coutinho (2010, p. 21), salienta que as tendências progressistas de sua época revolucionária, passam a subordinar ao movimento que inverte todos os

⁷ Lukács distingue temporalmente as fases do pensamento filosófico burguês: A primeira foi a fase de ascenso revolucionário, iniciado no primeiro terço do século XIX estendendo até as Revoluções de 1848. A segunda é a fase da *Decadência Ideológica* que estendeu até a emergência do imperialismo em 1880/1890. A terceira Fase estende-se até a atualidade.

fatores de progresso ao transformá-los em fonte da potencialização da alienação humana, negando o papel da razão no conhecimento e na práxis humana.

A partir de então, a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Ela fez soar o dobre fúnebre pela economia científica burguesa. Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má consciência e as más intenções da apologética substituíram a investigação científica imparcial. (MARX, 2013, p. 123)

Dessa forma, a filosofia burguesa passou a responder seus interesses de forma particular, buscando soluções para os antagonismos e contradições do modo de produção capitalista. A *Nova Filosofia* cada vez menos desvincula a esfera econômica da esfera social, transformando-a em uma ciência especializada, consonante com a ideologia da sociedade burguesa.

El objetivo verdadero de esta tendencia [da nova filosofía] consiste en impedir que el descontento engendrado por la crisis pueda volverse contra las bases de la sociedad capitalista, y proceder de tal modo que a crisis no lleve a la “intelligentzia” a levantarse contra la sociedad del imperialismo. Ya no se trata más de hacer el elogio directo y grosero de la sociedad capitalista [...] Por el contrario, la crítica de la cultura capitalista constituye que la crisis se prolonga, la concepción de un “tercer camino” obtiene cada vez mayor aceptación aun en el plano social; es una ideología según la cual ni el capitalismo ni el socialismo corresponden a las verdaderas aspiraciones de la humanidad. Esta concepción parece aceptar tácitamente el hecho de que el sistema capitalista es teóricamente indefendible tal como existe. Pero del mismo modo que el “tercer camino” en la teoría del conocimiento tenía como misión volver a colocar directamente en sus privilegios al idealismo ya indefendible, el “tercer camino” filosófico está *investido de la misión social que consiste en impedir que la “intelligentzia” puede caer en la conclusión socialista a partir de la crisis*. No por ser indirecto el “tercer camino” deja de ser una apología del capitalismo (LUKÁCS, 2000, p. 30. Grifo Nosso)

O pensamento burguês passa a controlar os pormenores da existência social na qual submete à totalidade.(LUKÁCS, *apud* KONDER, 2009 p.132), a especialização da economia ao utilitarismo neoclássico sepultou a Economia Política Clássica, que pode ser muito bem exemplificado pela mistificação da teoria do valor-trabalho às especulações marginalistas.

Em momentos de contradição entre as forças produtivas e as relações sociais de produção, por mais que a apologia consiga demonstrar os limites e contradições desse antagonismo, Lukács (*apud* NETTO, 1978) cita que a classe dominante, por meio de sua *intelligentzia* pautam por buscar soluções às problemáticas do capitalismo sem romper com as engrenagens do capitalismo. Essa linha de raciocínio marca o pensamento burguês no estágio do imperialismo⁸ cujo traço distintivo dessa fase está na agudização das contradições do próprio sistema capitalista cuja solucionática, nos diz José Paulo Netto (1978, p. 19) está “na defesa clara do sistema, e na necessária intocabilidade do modo de produção capitalista.” Seu companheiro na batalha das ideias Carlos Nelson Coutinho (2010, p. 17) corrobora: “Quando atravessa momentos de crise, a burguesia acentua ideologicamente o momento irracionalista, subjetivista, quando enfrenta períodos de estabilidade, de “segurança” prestigia as orientações fundadas num ‘racionalismo formal’”.

Em suma, a ideologia burguesa atinge direto em todas as formas de consciência na totalidade, preenchendo todos os aspectos da vida cotidiana. No entanto, o pensamento reacionário, golpeia a classe trabalhadora de forma mais impiedosa do que a classe capitalista. Ao trabalhador cabe o papel de mero *rés* da fábrica, seu preço, seu valor de troca, bem como sua descartabilidade oscila ao prazer dos gráficos da oferta e procura do exército industrial de reserva, sua aceitação enquanto classe subordinada está alicerçada no ordenamento jurídico que legitima a burguesia enquanto classe dominante, que diuturnamente subjuga todo contingente trabalhador à lógica hegemônica.

3 A Perversão Ideológica Burguesa

O período áureo do capitalismo⁹ Hobsbawm (1995, p. 19) resume que essa fase criou uma economia mundial única, integrada e universal, operando sob a guarda do Estado interventor e, portanto, sob as ideologias da massa burguesa dominante. O dinamismo da economia capitalista parecia remeter que o sistema havia sanado suas contradições, a sociedade de consumo lançou o ideário de que o sistema capitalista de fato, era um sistema da prosperidade. A comunicação, a publicidade e as mídias invadiram o cotidiano dos indivíduos educando e mostrando as benesses do capitalismo a todas as classes das economias centrais. No entanto, lembra Netto (2010, p. 09) apenas os pesquisadores marxistas insistiam em assinalar que as melhorias das condições de vida do trabalhador mistificavam a essência exploradora do capitalismo.

No entanto como as crises são inerentes ao capitalismo e em cada momento de crise, a filosofia burguesa busca racionalizar as irracionalidades, geralmente levam a reconfigurações, e

⁸ Que para Lukács trata-se do terceiro estágio do pensamento burguês (NETTO, 1978, p. 12)

⁹ A Era de Ouro do Capitalismo, em termos mandelianos, trata-se da “onda longa” de crescimento econômico que remonta a reconstrução da II Guerra Mundial ao Choque dos Petrodólares da década de 1970.

modelos alternativos de desenvolvimento – desde que dentro da ordem estabelecida. Dessa forma, ao analisar o momento histórico específico que segue após a reconfiguração capitalista dos anos 1970, esse subtítulo se faz jus, pois a decadência ideológica alcançou ares de perversidade.

O desenvolvimento do capitalismo das últimas décadas a manipulação foi potencializada, Giovanni Alves (2010 p. 15) , com forte inspiração lukácsiana, nos diz por mais que vários adjetivos posam definir ao capitalismo do nosso tempo como “global”, “financeiro”, “cognitivo”, ou “flexível” o atributo “manipulatório visa salientar o traço ineliminável e essencial do capitalismo nas condições da crise estrutural do capital por perpassar a produção e reprodução social do capital preenchendo a vida cotidiana:

Da produção ao consumo, do trabalho ao lazer, da cultura à política, a manipulação aparece como elemento essencial do modo de controle sociometabólico do capital em sua etapa tardia. Ela inverte e perverte a práxis humana corroendo as tênues possibilidades da “negação a negação” no interior de um sistema mundial produtor de mercadoria que exacerbou à exaustão suas condições sistêmicas. (ALVES, 2010, p. 15)

Enquanto a ideologia dominante propala o capitalismo como sendo o estágio final da mais perfeita sociabilidade humana que tende ao auto-ajuste, no entanto, esse modo de produção é dotado de uma lógica impiedosa e destrutiva cuja finalidade é a valorização de capitais pela exploração do trabalho vivo, na reconfiguração capitalista dos anos 1970, as mídias, as representações culturais e a sociedade do espetáculo foram o motor de arranque nessa remodelagem societal mistificada pelo discurso da globalização e do pós-modernismo, que na realidade se trata de

[...] uma resposta estratégica dos núcleos dirigentes capitalistas à ordem do capital, avolumada nos anos 1960 – da qual a explosão de maio de 1968 foi apenas um indicador, ainda que grandemente expressivo – e adensada na entrada dos anos 1970. [...] Conjugando intervenções repressivas e operações ideológicas de grande fôlego – das quais o marco fulcral seria na sequência dos anos 1980, a edificação do ideário neoliberal [...] (NETTO, 2010a, p. 257-258)

O capitalismo encontraria meios de propalar e disseminar sua ideologia mesmo sem ajuda dos atuais meios de comunicação o capitalismo secretaria sua ideologia, para Ludovico Silva (2013, p. 182) salienta que os atuais meios de comunicação são tão significativos que se converteram em meio material e específico que faltava ao capitalismo. O modo de produção soube usar tão bem as ferramentas midiáticas no controle e manipulação do contingente, em especial à classe trabalhadora,

que criou a “indústria ideológica” na qual para o venezuelano os dados centralizam na alienação para formar a mais valia ideológica.

Ainda para Silva (*Idem.*) da mesma forma que o operário descrito por Marx em O Capital a mais-valia era extraída sem que ele o percebesse, a psique do ser humano no capitalismo igualmente é extraída na forma de “mais-valia ideológica” traduzindo como escravidão ao sistema. Todas as lealdades que a indústria ideológica cria para o mercado capitalista de mercadorias são, para Ludovico Silva, é a forma pura da mais-valia ideológica. “Trata-se, em síntese, de um excedente de energia mental do qual o capitalismo se apropria” (SILVA, 2013, p. 182).

Na especificidade do capitalismo tardio pela particularidade da Mais-Valia Ideológica o caráter fetichista da mercadoria é potencializada. Se em Trabalho Assalariado e Capital, Marx nos que o trabalho ao trabalhador é um mero meio de manter sua existência, que, de fato, sua vida só inicia quando finda sua atividade laboral. A manipulação ideológica explora a consciência do ser humano, bombardeando o psiquismo, impregnando-a com sua ideologia, reproduzindo suas formas de alienação na preservação das relações de produção vigentes. Dessa forma, as telenovelas, programas televisivos, home pages da internet, além do novíssimo fenômeno dos aplicativos dos smartphones, que são mantidos pelo grande capital, mantêm a classe trabalhadora cada vez mais distante de seu papel revolucionário na condução de uma sociedade onde inexista luta de classes. Assim, as necessidades humanas são alocadas acima do nível biológico, para Herbert Marcuse (1973 p. 26) esse fenômeno se explicita pelo caráter do desenvolvimento do ser humano se dar em caráter repressivo, ou seja, as próprias necessidades, que deveriam ser individuais, e o direito à satisfação dessas necessidades são sujeitas a padrões predominantes.

Da mesma forma, a ideologia burguesa utiliza sistemicamente o caráter fetichista da mercadoria, como constituinte do sistema sociometabólico baseado na manipulação da própria vida, isso se dá não apenas pelo fato de ocultar o caráter antagônico da exploração capitalista, mas da própria centralidade do trabalho social, Giovanni Alves (2010, p. 63) salienta que a consciência da alienação e a própria natureza da alienação se alteram de forma significativa na constituição do mundo social burguês tardia, reconfigurando, no entanto mantendo as bases da “imensa acumulação de mercadorias”. Dessa forma, Everardo Guimarães Rocha (1990, p. 118) conclui:

Todos os climas “humanos”, “desejáveis”, “sedutores” armam a trama dentro da qual se tece a ideologia de um esquecimento. O esquecimento do processo pelo qual nascem os produtos. Neste processo eles são indistintos, seriais, indiferenciados, não-humanos, iguais a si mesmos e, principalmente, iguais à alienação que o modo de produção capitalista confere ao trabalho humano. O

produto como gente, investido nas relações sociais, confundido e igualado à humanidade, no limite ele mesmo humano e falante, é a grande magia que se sublinha no sistema de anúncios publicitários. Assim, o que foi esquecido é a origem do produto. A operação publicitária fundamental é, neste gesto de esquecimento, humanizar o produto inserindo-o numa rede de relações sociais.

A análise das últimas décadas pode-se perceber que há o completo esvaziamento das possibilidades humanísticas e civilizatórias dentro do ordenamento do capital, pois a reconfiguração do sistema sociometabólico esgotou qualquer possibilidade progressista e civilizatória de todos os níveis da vida social enquanto o sistema têm oferecido apenas soluções que beiram à barbárie. Os ganhos do grande capital promovidos pela flexibilização das relações de produção, da desregulamentação das relações comerciais e dos circuitos financeiros e da privatização do patrimônio estatal, selou o xeque-mate do pensamento conservador e ruína da classe trabalhadora.

4 Considerações Finais

Se no Manifesto Comunista, Marx e Engels (p. 49) nos dizem que o proletariado é, no capitalismo, a classe verdadeiramente revolucionária, no entanto, a burguesia, através do ordenamento estatal, das instituições de ensino e jurídicas difunde ideologicamente sua sociedade como estágio final da mais perfeita sociabilidade humana. A tríade da Igualdade, Fraternidade e Igualdade da fase revolucionária burguesa ainda é comumente difundida de forma mistificada como existentes apenas no modo de produção vigente, assimilando qualquer outra forma de sociedade diferente ao capitalismo como arcaica ou terrorista.

A ideologia no sentido de Marx, nos diz Lukács (2010, p. 43) vista como falseamento da realidade aparece em níveis de sociedade mais elevadas, nas sociedades onde esteja constituído o antagonismo de classe, pode se observar que seria impossível o funcionamento dessa sociabilidade se tivessem de se impor à todos diretamente como ordens de regulamentação pela coerção. Nesse sentido, conclui o húngaro, a ideologia é de vital importância para o funcionamento da sociedade, pois,

A execução constante e correta do trabalho produz conflitos continuados, até diários, hora a hora, e o modo de sua decisão muitas vezes pode conter, direta ou indiretamente, questões vitais para a respectiva sociedade. Por isso, a ideologia – em última análise – tem de ordenar essas decisões isoladas em um contexto de vida geral dos seres humanos e esforçar-se por esclarecer ao indivíduo como é

indispensável para sua própria existência avaliar as decisões segundo os interesses coletivos da sociedade (*Idem.*)

Dessa forma, a ideologia possui caracterização que ultrapassa os limites que comumente são atribuídos a ela. Ester Vaisman (1989 p. 419) em termos lukácsianos, sustenta que do ponto do vista ontológico, a ideologia e existência social são realidades inseparáveis, em outras palavras, enquanto o ser humano for agente que transforma a natureza haverá problemas a resolver e respostas a serem buscadas, e é justamente nesse processo que o fenômeno ideológico é gerado e onde é atuante. Como as ideias dominantes a cada época são as ideias da classe dominante, cada momento de crise as respostas são buscadas e solucionadas pelas formas de pensamento dominante, nesse sentido, os problemas surgidos serão resolvidos por soluções que mantêm a hegemonia classista.

Assim, as ideias dominantes da época do capitalismo difundem ideologicamente o capitalismo como sendo o estágio final da mais perfeita sociabilidade humana de plena igualdade, liberdade e fraternidade, cujos problemas tendem ao auto-ajuste, na verdade, esse modo de produção é dotado de uma lógica impiedosa e destrutiva cuja única finalidade é a valorização de capitais pela exploração do trabalho vivo.

Em momentos em que as relações sociais de produção entram em contradição com as forças materiais, período favorável à revolução social, no capitalismo, a burguesia mostra seu caráter ultraconservador e ultrarreacionário, dessa forma, toda superestrutura, em termos marxianos, funciona como base de todo arsenal ideológico capitalista no reordenamento societal revestindo a totalidade com suas “novas respostas” para problemas antigos, no entanto, essas novas respostas tem por finalidade a simples manutenção sistêmica e ordenada a lógica vigente, caminhando a passos largos rumo à barbárie, isso se já não já estivermos na mais pura barbárie. Assim, toda e qualquer possibilidade de superação do sistema sociometabólico explorador vigente é sumariamente castrado pelo aparato ideológico apologético, alocando como uma impossibilidade outro estágio societal verdadeira igualitária, livre e fraterna, despojada da exploração do homem pelo próprio homem, a saber: uma sociedade socialista.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni. *Lukács e o Século XXI: Trabalho, Estranhamento e Capitalismo Manipulatório*. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.

ANDERSON, Perry. *Linhagens do estado Absolutista*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COUTINHO, Carlos Nelson. *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: 1789 – 1848*. 22ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: Breve Século XX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric; RANGER Terence. *La Invención de la Tradición*. Barcelona: Editorial Crítica, 2002

KONDER, Leandro. *Marxismo e Alienação: Contribuição para um estudo do Conceito Marxista de Alienação*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista*. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUKÁCS, Gyorgy. *História e Consciência de Classes: Estudos sobre a Dialética Marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, Gyorgy. *La crisis de la Filosofía Burguesa*. S.l. Ediciones Elaleph, 2000.

Lukács, Gyorgy. *Prolegômenos Para uma Ontologia do Ser Social: Questões de Princípios para uma ontologia hoje tornada possível*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*, São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; Engels, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MESZÁROS, István. *Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- NETTO, José Paulo. *Capitalismo e Reificação*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- NETTO, José Paulo. Elementos para uma Leitura Crítica do Manifesto Comunista. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Cortez, 1998.
- NETTO, José Paulo. Posfácio. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.
- NETTO, José Paulo. *Uma Face Contemporânea da Barbárie*. In: III Encontro Internacional “Civilização ou Barbárie”: Serpa, 2010b.
- NETTO, José Paulo; CARVALHO, Maria do Carmo. *Cotidiano: Conhecimento e Crítica*. 5ª edição. São Paulo, Cortez, 2000.
- NETTO, José Paulo. *Lukács e a Crítica da Filosofia Burguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1978.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. *Magia e Capitalismo: Um Estudo da Antropológico da publicidade*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SILVA, Ludovico. *A Mais-Valia Ideológica*. Florianópolis: Insular, 2013.
- SILVA, Ludovico. *La Alienación como sistema*. Caracas: Alfadil, 1983.
- VAISMAN, Ester. A Ideologia e sua determinação ontológica. IN *Ensaio*. Nº 17-18. São Paulo: Editora Ensaio, 1989.